



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

FESTAS BOM JESUS DE FÃO



EDITORIAL

No domingo, dia 21 de Março, a Câmara de Esposende comemorou pedagogicamente o dia da árvore. A árvore, dizem os entendidos, será a salvação do mundo. É verdade que as manchas arbóricolas existentes no universo estão a desaparecer. Atente-se no que se passa na Amazónia. Três quartas partes daquele universo vegetal já desapareceram. Noutros sítios, noutras pequenas Amazónias, continua a verificar-se o mesmo arboricídio. Mas a árvore produz oxigénio, a árvore produz a chuva, a árvore produz alimentos, a árvore reproduz-se ao contrário de outras matérias primas que vem sendo aproveitadas pelo homem. O petróleo vai desaparecer e certas reservas minerais vão esgotar-se. A árvore ao contrário renasce, é certo, mas sendo maior a delapidação do que os nascimentos, ela, esgotar-se-á também.

EM LOUVOR DA ÁRVORE

Felizmente que o problema do desaparecimento das árvores está a entrar na consciência dos homens e dos seus governantes. É esta tomada de consciência que faz a Câmara de Esposende gritar aos quatro ventos: «no último ano esta Câmara Municipal procedeu à plantação de 1400 árvores, criou 7000 m² de novos jardins ou áreas verdes, remodelou integralmente 4000 m² e tem em construção 1300 m² de jardins e áreas verdes.» Nunca as mãos lhe doam. Queremos dizer com isto, parafraseando um velho ditado popular, que esta actividade dos nossos edis deve prosseguir e jamais parar. O mundo está a morrer. Não pensem que se trata de uma frase de retórica. A falta de água é a falta de ar que se está a verificar no universo em que vivemos acabarão por impedir a vida, como já terá acontecido porventura noutros espaços silentes. A não ser que o mundo volte atrás. A não ser que se crie legislação adequada e se castigue o assassinato de uma árvore como se de um homicídio se tratasse. A árvore será o futuro da humanidade. Será ou seria? Tem a palavra os

(Continua na pág. 2)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

responsáveis pelo destino da sociedade.

Nota: Estas mal desataviadas palavras acorreram-nos espontaneamente à ponta da caneta quando nos preparávamos para escrever que no dia 21 de Março o Senhor Presidente da Câmara se deslocou ao horto municipal, situado na freguesia das Marinhas, onde, conjuntamente com os alunos das escolas primárias da referida freguesia, procedeu à plantação de árvores. Além disso, a Câmara Municipal forneceu árvores a todos os estabelecimentos escolares do concelho para que os respectivos alunos procedessem à sua plantação.

É uma notícia com grande impacto pedagógico que nos alegra mais do que se tratasse da inauguração de qualquer edifício público. Fazemos votos para que no corrente ano e nos próximos, em lugar de 1400 árvores se plantem 5 mil ou 10 mil árvores.

Bem hajam, senhores edis.



NOVO DIRECTOR DO HOTEL OFIR

Com a saída de Manuel Marques que vai dirigir um novo cargo, num outro organismo da Sopete, assumiu o cargo de director geral do Hotel Ofir o nosso amigo João Luís Pereira Reis. A vida profissional deste conterrâneo decorreu quase toda dentro daquela unidade hoteleira. Começou, é certo, na Estalagem Zende com o posto de rececionista em Maio de 74. Em Julho de 75 mudou-se para o Hotel Ofir, onde exerceu as funções de controlador caixa. Foi depois rececionista de 2.ª, rececionista de 1.ª e em 78 era sub-chefe de recepção. Passou depois a chefe de recepção e em 84 era já assistente de direcção. Foi depois director de alojamentos, em 86 subiu a sub-director e finalmente em Abril de 93 passa a director-geral.

É o que se chama um, *self made man*. Escusado será dizer que se a Sopete o escolheu para tal missão, é porque ao longo destes anos o João Luís deu provas sobejas de ser capaz de exercer um cargo de tanta responsabilidade. Empresas como a Sopete, não se enganam na escolha dos seus quadros. Não se enganam porque de facto não pode enganar-se. Desejamos felicidade para o novo cargo.

Também para o nosso amigo Manuel Marques, que dirigiu o hotel com muita proficiência, desejamos igualmente boa sorte.

CINCO MINUTOS DE POESIA

Hoje vamos trazer-vos um autor contemporâneo: JAIME CORTESÃO.

Homem de múltiplos caminhos mas de um só rosto e de uma só consciência, manteve-se, durante toda a sua vida, fiel a um ideal, o que lhe custou um longo exílio, um amargo afastamento da Pátria que tão intensamente amava.

Homem de carácter e de extrema dignidade, pagou bem caro essa coerência, essa coragem de não se vergar nem se desdizer, que é a pedra de toque da sua elevada estatura moral e cívica.

Homem de múltiplos caminhos porque, possuidor de um talento multifacetado, seguiu a trilha das Línguas Clássicas (Grego), frequentou a Faculdade de Direito, esteve prestes para entrar para Belas Artes, formou-se em Medicina, foi Director da Biblioteca Nacional, fez investigação histórica, foi poeta, prosador, dramaturgo, etc.

Pouco exerceu Medicina. Alistou-se, porém, no Corpo Expedicionário Português que esteve em França na Primeira Guerra Mundial, como oficial médico. Aí, pôs em risco a vida e os olhos (que ficaram para sempre afectados), ao tirar, durante um ataque inimigo, a sua máscara anti-gás para a colocar no rosto de um ferido.

E muito mais haveria para dizer, mas transcenderia o âmbito deste pequeno espaço de Poesia. Por isso, deixámo-vos com um excerto da sua

ODE À LIBERDADE

*Quero-te como quero ao ar e à luz,
Porque não sou a ovelha do rebanho,
Nem vendi ao pastor a alma e a grei;
E onde não baja mais do que o redil,
Tu és a minha Pátria e a minha Lei.*

*.....
Não é a flor da beira do caminho.
Bem sei que é necessário conquistar-te
A cada novo dia e a duro preço.
Por ti tenho sofrido quanto os homens
Podem sofrer. Por isso te mereço.*

*.....
Querem mãos assassinas sufocar-te
Nas entranhas maternas. Ms em vão.
Virás como a torrente desprendida,
Porque és o sopro e a lei da Criação
E não há força que detenha a Vida.*

(In «OBRAS COMPLETAS DE JAIME CORTESÃO — Poesia II»)

MARIA EMÍLIA CORTE REAL

Prémio REIMELI

Um júri constituído pelos drs. Armando Saraiva, Maria Emília Corte Real e Helena Padrão decidiu atribuir o primeiro lugar ex-aequo às meninas Marta Mariz Ferreira Mendes e Joana Macias. O prémio era, como estão lembrados, de 10.000\$00 pelo que tocaria a cada concorrente a quantia de 5 contos.

No entanto, o nosso conterrâneo António Sá Pereira é um fãonático e, por amor à terra e consideração pelo nosso jornal, resolveu atribuir a mesma quantia de 10.000\$00 a cada uma das concorrentes.

A entrega dos prémios realizou-se nos escritórios da Reimeli, de que a foto abaixo dá o devido testemunho.

Os versos premiados estão publicados na página jovem.

Outros concursos vão surgir, sempre sob o patrocínio da Reimeli.



As concorrentes, elementos do júri e o seu patrono

COMO ERA O SENHOR DE FÃO ANTIGAMENTE?

Para responder a esta pergunta, devíamos ter recorrido a um ancião, a um verdadeiro macróbio. Só que um macróbio nem sempre está para aí virado e a memória nem sempre está actuante. Fomos, por isso bater à porta do Mário Belo, 71 primaveras, é certo, mas com uma capacidade memorativa invulgar e um poder narrativo fora também do comum. Com ele não há entrevista, mas há pergunta e resposta, há, sim, um monólogo que só a custo é interrompido. E assim começamos:

— Mário, como eram as festas no teu tempo?

— Há 55 anos, por exemplo, o caso mais importante das festas era a grande rivalidade que existia entre Pedreiras e Fão, sobretudo por causa das bandas de música. Uma das bandas era encomendada pela Comissão das Pedreiras que tinha coreto privativo. A Comissão cá de baixo, de Fão, portanto, dava a outra banda. Eu, apesar de ser muito bairrista e de ter nascido na Areosa, tenho que dar a mão à palmatória e dizer que os das Pedreiras foram sempre mais brosos. Havia ali gente castiça que era boa apreciadora de música. Estou a recordar, por exemplo o Manuel da Ana e o Zé da Olaia; outra figura muito típica era o Cândido Patricanta com uma voz, um andar e uma expressão muito marciais. Era bom apreciador de música, também. Havia, aliás, nas Pedreiras um punhado de agricultores que seguravam as festas pelo lado das Pedreiras: os Gaiféns, dos quais destaco o «Tenente» e o Feliz Gaifém; os Migúéis, os Menas, sobretudo o Xico Mena, o homem mais alto de Fão, o padrinho Gaspar e outros. Eram igualmente apreciadores de boa música e enquanto elas actuavam não arredavam pé, horas a fio. Depois era interessante ouvi-los dizer que aquela música tinha os instrumentos mais afinados, que aquele desafinava um bocado, que o homem dos pratos era muito certinho e muito atento, etc. Eles não conheciam música mas mantinham-se frente aos coretos, ora num ora noutro, às vezes com as noites muito frias, mas sem arredar pé. Davam um valor tremendo às músicas e havia assim uma rivalidade grande mas que era salutar e muito bonita.

Outra coisa era o tapete da rua das Pedreiras que se apresentava como o mais lindo, onde os homens e as mulheres caprichavam deveras, na procissão dos entrevados que se realizava (e ainda se realiza) às segundas-feiras.

Nessa época, ainda sem carrocéis, formava-se, ao princípio da Alameda ou ainda fora dela, uma carreira com mulherzinhas a vender tremoços. Era a Tia Sineira, que tinha sempre um lugar certo, depois tinha a Cândida Vassalo, a Tia d'Areia que era irmã da Senhora Joaquina d'Areia, prima da mãe do Neca d'Areia que se chamava a Tia Vermelha. Era ainda a Rosária Fraca, que tinha um filho no Brasil e vendia tremoços ali na estrada; as Libanas, que eram mãe e filha, e ainda a Laurinda Carneira. Juntavam-se todas em carreirinha e depois as raparigas compravam os tremoços que eram medidas num copo ou numa malguinha de barro e que elas guardavam num lenço de mão.

OUTRAS NOVIDADE

O Mário falava quase sem parar. E assim foi continuando:

— Outra coisa muito típica eram as do-

ceiras de Barcelos que faziam aqueles cãezinhos e corações de doce. Aquilo era farelo com açúcar, tinha um araminho com uma flor e custava dois tostões.

Outra particularidade muito interessante eram os toldos compostos por um carro de bois com uma cobertura por cima, onde se vendiam iscas de bacalhau frito e vinho servido em canecas de barro, muito negras, algumas com o bico já partido.

Lembro-me ainda dos jogos, a corrida de sacos e a subida ao pau untado com sebo. O Arménio era um capeão. Normalmente os pescadores eram os mais ousados e venciam quase sempre, pois traziam consigo a ginástica de trepar aos pinheiros quando iam às pinhas. Em geral punham em cima uma garrafa de vinho do Porto ou um bacalhau. Havia também o salto aos cântaros. Uma corrida engraçada era levar cântaros cheios de água na cabeça, desde o fontanário até ao adro do tempo. Destinava-se só a rapazes que não podiam utilizar as mãos. Era de morrer a rir, pois normalmente os cântaros caíam. Por falar em jogos, lembro-me do jogo do copinho e de quando aparecia o regedor ou a guarda, pois aquilo era proibido. Muitas vezes surgiam sem o «banqueiro» dar por ela e então a primeira coisa que faziam era dar um pontapé na mesa e o copo e as moedas iam todas pelo ar. Havia rapazes que se aproveitavam disso para apanhar o dinheiro.

AINDA AS MÚSICAS

O Mário a lembrar coisas do passado é uma torrente em borbotão. Quase a falar consigo, foi dizendo:

— Uma coisa digna de se ver era a entrada das músicas. Quando a banda estava para chegar, já muita gente se encontrava na estrada à sua espera. Ao iniciar-se a marcha, todos seguiam atrás dela, esforçando-se por acertar o passo. Muitos pais traziam consigo os filhos. E todos seguiam em romaria até aos coretos onde «oficialmente» começava a festa.

Bem, e por falar em música não posso esquecer-me dos «trambolheiros». Também tinham a sua espera pela garotada, sobretudo. E, quando de manhã cedo apareciam, toda a rapaziada saía das camas e ia fazer-lhes companhia. Alguns nem dormiam. Havia as amazonas e cabeçudos. Quem dançava muito bem com as amazonas era um tal Moleirinha e um outro a quem chamavam o Pantomina que era um homem baixinho mas tinha muito jeito para aquilo. Já morreu. mais tarde ficou um filho, o João, que também já morreu.

As tendas naquele tempo eram mais pobreszinhas. Não havia o plástico. Os seus donos chamavam-se barateiros. Vendiam brinquedos que eram de folha de Flandres. Uma coisa muito mal feitinha, mas era a alegria das crianças. Não faltava o carro dos bombeiros, os guizos, tudo vendido a 10 tostões. Havia também louça de barro e uma coisa que todas as crianças compravam eram os assobios. Aquilo era uma chinfreira com todas as crianças a apitar. Mas quando um deles se partia, era um berreiro que nunca mais acabava.

O arraial, o próprio arraial era pobre. O dinheiro também era pouco. A iluminação conseguia-se através de copinhos com velas ou de tigelinhas com sebo. Quando o vento soprava mais rijo, o papel das flores incendiava-se.

Um costume curioso passava-se com as bandas de música. Apareciam no domingo e só iam embora na segunda-feira. Onde ficavam os músicos? Ora aí está. Outro bom costume. Os músicos ficavam em casas particulares e ninguém levava um tostão. Eu lembro-me que houve uma festa e «os de Fão» trouxeram cá a banda da Polícia de Segurança Pública do Porto. Se não me enganar, foi o Barra Reis quem a trouxe. Eu já tinha vinte e tal anos. Pediu ajuda às pessoas que tivessem uma cama vaga ou um quarto. Ainda me recordo que a minha avó Quitéria tinha uma casinha junto aos Vilachãs e que cedeu dormida a um chefe da P.S.P.

— A esse propósito, queremos acrescentar que uns nossos familiares, tia Cândida e tio Zé Portela (Setenta) deram dormida por anos continuados ao mestre da música das Pedreiras. E para terminar:

— As festas antigamente eram concorridas?

— Agora há mais festeiros. Dantes havia maisromeiros que vinham dos arredores, das freguesias próximas. Recordo de um caso que aconteceu numa segunda-feira do Senhor de Fão. Passou-se em Fonteboa. Um lavrador, nesse dia, foi para o campo lavar. Usava-se então a charrua puxada por duas juntas de bois. Houve alguém, parece que da família Mariz, que lhe chamou a atenção: «F. tu não devias trabalhar no dia do Senhor Bom Jesus». Respondeu-lhe o lavrador: «Já agora: A festa é para eles. O Senhor Bom Jesus não é que me vem dar de comer».

A verdade é que, fosse como fosse, por coincidência ou não, um dos bois assustou-se com qualquer coisa, desenfreado, o homem não se desprende a tempo, engalhou-se, o ferro passou-lhe por cima de uma das pernas e ele esteve quase para ficar sem ela.

A notícia correu na freguesia, nos arredores, e no ano seguinte, osromeiros foram aos milhares. O prato das esmolas esbordou. Isto marcou muito as pessoas. Eu tinha então os meus 14 anos.

E mais coisas nos disse o Mário Belo. Não pudemos escrever tudo. O espaço «oblige». Ele prometeu-nos que terá outras conversas à lareira connosco. Esperamos que sim.



PIZZERIA

CREPERIA



GELATARIA

96 15 66

- **TAKE AWAY**
- ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO
- ENTREGA EM 30 MINUTOS APROXIMADAMENTE
- HORÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO
3.^a A 6.^a feira — 12H às 15H / 19H às 22.30H
Sáb./Dom. — 12H às 22.30H

One Way

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — PORTUGAL • TELEF. (053) 961566

FRANGINHAS, O DESGRAÇADINHO!

Por ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

O Franginhas, como qualquer mortal, sente, sofre e chora.. É uma história que se repete de minuto a minuto, neste mundo do salve-se quem puder... Não fugirei a salvaguardar raríssimas excepções. O Franginhas, era um cão de pêlo preto e sedoso. A sua pequenez e o seu olhar penetrante traziam imensa alegria a todos os habitantes da casa. Era querido pelos miúdos que chegavam a arrancá-lo dos braços uns dos outros.

Enquanto o Franginhas envelhecia, os três miúdos cresciam, atingindo a sua maioridade. Agora, já universitários, sempre que ao fim de semana chegavam a casa, reparavam que perdurava a mesma amizade pelo cão que tantas alegrias lhes proporcionara: — mas um dia — há sempre um dia fatídico para qualquer ser vivo — um amigo da família apareceu cá em casa com um «pura raça» como ele o denominou. Bonito? Feio? Pouco interessa. A dona de casa logo apresentou inúmeras dificuldades na sua aquisição. As opiniões divergiam. Uma das miúdas levantou-se e disse: «Estamos em democracia e vamos a votos!» O chefe de família e a esposa votaram contra. Eu também fui contra. Era preciso desempatar. Amélia, para que lado vai o teu voto?

A resposta foi um sim acrescentando: «ele é tão bonito!...» Afinal quem é a Amélia?... É uma dedicada colaboradora, cabendo-lhe por direito o sétimo lugar no seio da família. Logo, «o pura raça» venceu. Foi preciso dar um nome ao animal.

Cada pessoa sugeriu vários, acabando por se chamar Indy. Todas as atenções e carinhos, passaram para o cão de «focinho enrugado» que em poucos dias conquistou as boas graças dos seus «opositores»... E o Franginhas? Vai andando de canto para canto com lágrimas nos olhos e pêlos levantados que mais parece um ouriço. Enquanto ele espera pela morte, o tal de «pura raça» cresce desalmadamente. Está forte, pois engole a comida que lhe toca, põe a enorme pata na cabeça do Franginhas e come-lhe a comida toda e como se isso não chegasse, vai à comida que é destinada a sete gatos, escorraça-os e também lhes papa a comidinha.

Acontece igual com os homens. Uns comem tudo, outros morrem de fome. Até quando?...

Delães, Vila Nova de Famalicão

OS BALOIÇOS

*Aonde estão os baloiços,
Outrora no parque ao lado?...
Quero outra vez embalar
A infância, o passado,
Com gargalhadas sadias,
Alegres e descuidadas...
E que se elevem ao Céu,
Quais aves em revoadas!...
Ainda tenbo ilusões!...
Quero embalá-las agora
Nos baloiços de criança,
E como fazia outrora!...
Depois vou andar na roda:
Gírar... girar... e girar!
Gírar até ficar tonta,
Gírar... girar sem parar,
Para esquecer desenganos
Que invadem os sonhos meus
E que nem sequer me foram
Predestinados por Deus.
Quero voltar a criança...
E os meus sonhos infantis
Embalá-los nos baloiços
Como nesse tempo o fiz!...
Mas onde estão os baloiços,
A roda e o escorregão
— Os meus amigos de infância
Em quentes tardes de Verão?...*

FLORINDA DE ALMEIDA

PÁGINA JOVEM

DESEJO DO NADA

CONCURSO DE POESIA — 1.º PRÉMIO

Olá, jovens! Como cremos que sabem, houve um concurso de poesia jovem neste jornal, patrocinado pela «Reimeli». O 1.º prémio foi atribuído, «ex-aequo», à Marta Mariz Mendes, colaboradora desta «Página» desde a primeira hora, e à Joana Macías, que colaborará futuramente connosco. E para todos, os votos amigos de Páscoa Feliz!

«ESTAREI LOUCA OU É SÓ UMA FASE?»

Por MANUELA FERREIRA

Estarei louca ou é só uma fase?
Sinto-me tão triste e tenho medo.
É como se alguma coisa me atormentasse e me perseguisse.

Aqui estou eu, sentada, com vontade de fazer mil coisas, sem no entanto saber quais! É estranho e confuso, não é? Mas não posso evitar, é como eu me sinto!...

Às vezes penso que não regulo bem da cabeça, que sou anormal, que as minhas fantasias e ideias são absurdas, e que ninguém as entende.

Porque será que tenho tanto ódio e tanta vontade de morrer?

Sim, a morte é para mim a única porta para a minha felicidade!

Estou farta de ouvir o que é certo e o que é errado; estou farta de fazer as mesmas coisas; estou farta das pessoas que me rodeiam; estou farta da vida...

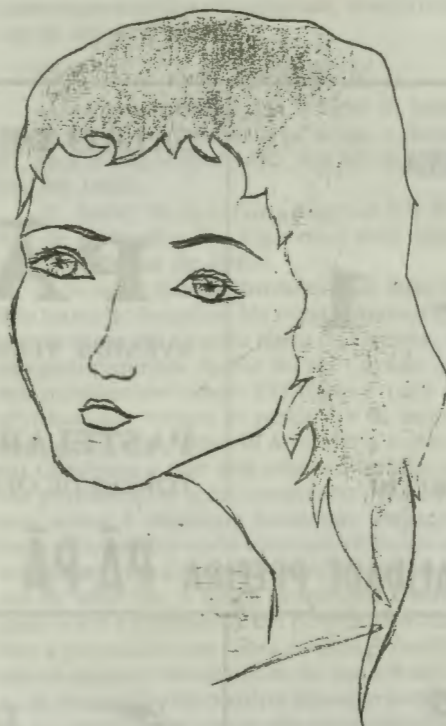
Eu acho que nunca vou amar alguém enquanto viver, mas, enfim, o que será o amor?

Todas estas palavras: amor, vida, ...me revoltam porque sei que sou uma inútil e que nada posso fazer para que estes valores reinem no mundo, pois nem eu própria sei o que eles significam. O que é a vida? É lutar para sobreviver? É esperar que alguém nos socorra? Não, e digo não porque a vida nada significa para mim, e sinto-me estranha neste vosso mundo!

Eu quero voar, saltar!...

Eu quero lançar-me ao vento e voar, voar para não voltar mais.

Só me resta esconder-me, nesta escurecimento da qual não posso sair...



Desenho de Isabel M.

PAUSA PARA SORRIR

Dois cavalheiros discutem violentamente. Temendo que cheguem a «vias de facto», uns amigos que estavam presentes procuram afastá-los um do outro.

Um deles, porém, antes de se deixar levar para longe dali, volta-se para o seu antagonista, faz o gesto de bater em alguém, no ar, e diz-lhe:

— «Considere-se esbofetead!».

O outro, prontamente põe a mão direita em posição de premir o gatilho de uma pistola imaginária, e responde-lhe:

— «Pum! Pum! — Considere-se morto!».

★

Um doente dirige-se à secção de Cardiologia de um Hospital para fazer um electrocardiograma.

Devido, porém, à sua pouca memória e reduzidos conhecimentos, esquece o nome do exame e diz, ao ser atendido:

— «Eu venho fazer um aerograma»...

Resposta do médico, bem disposto:

— «Então, arrote!»...

*Nada é o oposto de tudo.
Mas tudo é tanto,
Que nunca conseguiremos saber o que é.*

*Como entender, então, o nada?
É tão pouco
Que se torna sem significado.*

*É tão adimensional
Que parece ser tão grande
E ao mesmo tempo mais pequeno!*

*Será que as nossas vidas
Cabem dentro do nada?
Talvez.*

*Talvez todo que é abstracto
Seja parte da vida.
Talvez a vida*

*Seja, afinal, nada
Por ser tão abstracta.
Mas parece-nos tão real,*

*Que corremos atrás dela
E tentamos agarrá-la.
Mas o que somos nós,*

*Que desejamos a vida
Por medo do nada?
Não somos nada,*

*Pois queremos trocar
O nada pelo nada.
Ou talvez o nada seja tudo.
Pelo menos para quem vive.*

MARTA MARIZ MENDES (17 anos)

A MINHA ADOLESCÊNCIA

CONCURSO DE POESIA — 1.º PRÉMIO

*Por vezes vivo a dor da solidão
Num sorriso me perco e numa lágrima me encontro
Outras vezes vem a saudade
a saudade de ser o que jamais serei*

*Tantas vezes a incerteza me invade
num grito de desespero
na necessidade de companhia,
de compreensão*

*Às vezes sinto-me cansada de lutar
de tentar alcançar o futuro
que nem sei se existe*

*Assustada e perdida vejo a minha imagem
reflectida no momento de crescer
Neste meu existir vulgar
há certamente uma razão
algo que não entendo mas aceito
serenamente*

*Por instantes uma paz temporária
me faz feliz
Falo comigo querendo entender
o que quero viver quem quero ser*

Quero ter tempo de me ouvir!

JOANA MACÍAS (14 anos)

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus



MÓVEL ZENDE

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE MÓVEIS, LIMITADA
FONTEBOA — 4740 ESPOSENDE

FABRICO ESPECIALIZADO DE

- SALAS DE BANHO LACADAS • COZINHAS LACADAS OU EM MADEIRAS
- MÓVEIS POR DESENHO

QUALIDADE E BOM GOSTO

PASTELARIA E CONFEITARIA

PÃ-PÃ - 1

RUA DE S. JOÃO, 2 — TELEF. 981319

SALÃO DE CHÁ

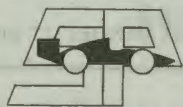
PÃ-PÃ - 2

AVENIDA VISCONDE S. JANUÁRIO — TELEF. 982371

PASTELARIA RIFÓS

TORRES DE OFIR — FÃO — TELEF. 981496

SE QUER UM SERVIÇO DE QUALIDADE PREFIRA **PÃ-PÃ - 3 CASAS À SUA ESCOLHA**



stand porta

J. SÁ PEREIRA



COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS
NOVOS E SEMI-NOVOS (C/ GARANTIA)

QUALIDADE — PREÇO — CORTESIA — PRESTÍGIO

R. JOAQUIM ANTÓNIO AGUIAR, 87-95
TELEFS.: 567465-5104988 — FAX 567465
PORTO



OFIR

EMPREGO

HOTEL DO PINHAL

ÉPOCA DE 1993



Iniciou-se na Páscoa, havendo ainda algumas vagas para as diversas secções.

Os interessados deverão dirigir-se ao Hotel, depois de marcação de entrevista, através dos telefones, ou dos outros meios habituais.

Telefones (053) 981473

Fax (053) 982265

Avenida da Praia

OFIR — FÃO

4740 ESPOSENDE

AS CÉLEBRES REVISTAS?

Não nos esqueçamos das cantigas que pertenceram às célebres «revistas» trazidas à cena pelo inesquecível Ernestino. Foram noites de glória que muito enriqueceram o património cultural da terra.

Por que é que não se leva uma revista à cena em Fão? Não só para se cantar e ensinar o «O Fão antigo» mas para se criarem outras canções baseadas em factos modernos. Não nos venham dizer que há falta de autores. Nós apresentámos já três. **Quem** os nomes? Aí vão eles: Dr. Alberto Vale, Dr. Joaquim Peixoto e Carlos Palma Rios. Já agora alguém nos sugeriu outro nome: Dr.^a Fernanda Borda, não como autora mas para direccionar o espectáculo. Seriam quatro nomes de peso a responsabilizarem-se pela revista, isto é, pelo êxito da mesma.

Feita a letra e escolhidos os músicos, haveria que escolher os protagonistas para os mesmos. E aí a escolha não seria difícil. Vamos por partes: em primeiro lugar temos os ensaiadores. Não faltam: Armando Solinho, Carlos Maia e Armando Barbosa. Também não haverá problemas para a música. Existe o Mário Belo que não se pode dar ao luxo de ficar à margem.

Quanto aos actores aqui a coisa é mais difícil porque é mais fácil. Existe muita gente. Mas nós, se nos dão licença, optáramos pela miudagem, isto é, procederíamos como fez o Ernestino Sacramento. Mas não poríamos de parte a «velhada». É que os mais velhos garantem as memórias e os números tradicionais. Estes fazem parte do recheio cultural da terra. E esse recheio não pode ir para o cesto dos papéis. Os mais velhos, e quem diz os quer dizer também *as*, seriam uma espécie de ensaiadores ou cooperantes.

Claro que os tempos são outros. Quem é capaz de tirar alguém das telenovelas brasileiras e do conforto do lar para ir apanhar frio lá fora? Garantem-nos, porém, que gente não faltarão. E entusiasmo também não.

Deus os ouçam.

Só falta então quem comece.

BELEZA

*Hoje foi um dia belo,
Não pelo Sol ter ratado
Todo risonho, amarelo;
Não pela luz cristalina,
Encher de verde a campina;
Não pela rosa sonbar,
No roseiral perfumado;
Não pelo vento passar,
Entre um bando de andorinbas;
Não por alguém ter cantado,
Uma alegre melodia;
E nem mesmo, por casar,
Com as vestes da alegria,
A mais nova das filbinbas
Do morgado do lugar.*

*Mas o dia foi bonito,
Por na Terra haver ainda
Este tesouro bendito:
Uns sorrisos de criança,
Pureza na mocidade,
Homens fortes na verdade,
Rugas chelas de esperança,
E um Amor de luz infinda,
Que nos enche de bonança
E no Céu nos faz pensar.*

DINIS DE VILARELHO

Cronologia da História de Fão

Transcrição de José Maria Machado do Vale

«Despejo das areias, da freguesia de Fão».

As evoluções por que Fão tem passado, despertou em mim a curiosidade em as estudar, pois foram elas que constituíram o importante repertório da «História de Fão».

Perante o referido título, gostaria de sugerir ao leitor, que acompanhe atenciosamente esta matéria na íntegra, mas sobre tudo na minuciosidade e desenvolver dos factos nela escritos, a fim de se sentir fascinado por sua leitura.

Sendo a mesma composta por quatro documentos extraídos dos originais, desenvolve-se do seguinte modo:

[Doc. I] — Introdução.

«Alvará concedido pela Infanta D. Isabel Maria para o real imposto «d'areia» e despejo, para a freguesia de Fão, em 23 de Outubro de 1826».

«D. Isabel Maria Infanta Regente dos Reinos de Portugal e dos Algarves e seus domínios, em Nome de El-Rei.

Faço saber que os Mordomos do lugar de Fão terno de Barcelos, Me representaram que aquele lugar era situado junto do Oceano, na margem esquerda da foz do rio Cávado que era antiquíssimo tendo 351 fogos e 1423 indivíduos que viviam de pescaria e da mesma considerava do reino do Alto Mar e também do Comércio e que este extenso terreno assaz portíssimo se acha inutilizado pelas mesmas areias e eminente ruína que ameaçava toda a povoação onde existiam debaixo das mesmas (1) um Convento de religiosos as casas de uma rua, a igreja propinqua a sofrer igual sorte e finalmente em poucos anos abolida a povoação com ruína de muitas famílias abandonadas à mendicidade no que a Real Casa de Bragança viria a sofrer considerável perda ao mesmo que apesar das ruínas descritas assim mesmo ainda tinha algum digo tinha o negócio activo tanto marítimo como terrestre e eles superiores conheciam a ociosidade entregando-se ao assiduo trabalho que se lhes oferecia por cujo motivo ainda ali se encontravam e sumptuosas casas que seus haviam abandonado por não sofrerem a verem as progressivas ruínas das mesmas, amuindo Eu benignamente as súplicas dos recorrentes sem dúvida se atalharia ao mal futuro concedendo-lhe o suave imposto a que eles voluntariamente se queiram sujeitar de um real em arratel de carne e quartilho de vinho, que aí se vendesse ao público para se aplicar a dita obra». Em 23 de Outubro de 1826.

Após a descrição do anterior, encontrei num documento avulso, a informação em que refere que o Corregedor da Comarca de Barcelos ouve os oficiais da Câmara Municipal de Esposende.

[Doc. II]

«Nobreza, recorrendo que então se realize a sua súplica pela sua urgente necessidade que tinham da dita obra pelo meio do dito imposto a que voluntariamente se tinham sujeito pelo termo que assinavam e consta da mesma informação se ter mandado afixar editais na forma da lei que resultava ser o único lanço de Manuel de Faria Costa da dita Vila como se faria certo pelo seu termo prestando edónia fiança vindo a ser orçada a obra pelo que pertence a estacada em seis contos quarenta e oito mil reis e para o despejo das areias depositados trezentos mil reis cada ano por espaço de oito anos contando que se movessem as estacadas ou rengas do lado sul

da igreja para junto ao pinhal vindo da praia e sendo o maior lanço da imposição o de trezentos mil reis na forma da lei pelo ano de mil oitocentos e vinte e quatro ao menor da obra de vinte e quatro mil reis por cada braça da estacada tendo a tudo consideração sobre o que foi ouvido o procurador da Coroa que não teve dúvida e ao mais que lhe foi presente em consulta da Mesa de Desembargo do Paço: Hei por bem conceder aos superiores a licença necessária para o imposto do arratel de carne e quartilho de vinho que se venderão ao público que se aplique pelo tempo necessário, digo tempo necessário for para conclusão da obra que se trata pelo menor preço que teve em praça. E hei outro sim por bem encarregar a imposição da mesma obra, a Câmara respectiva a qual dará conta todos os anos pela Mesa do Desembargo do Passo do adiantamento da obra e do estado da cobrança do imposto cumprindo-se esta provisão como nela se contém registando-se em todas as partes que necessário for, e valerá posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo da ordenação do livro 2.^o e título 40, em contrário. (2)

[Doc. III] — «3.^a Repartição — Negócios do Reino».

«Sendo presente a Sua Majestade o officio do Administrador Geral Interno do Distrito de Braga datado de 4 de Dezembro do ano passado que acompanha a representação da Câmara Municipal do Concelho de Esposende, em que pede facultade para continuar a perceber o imposto concedido pela provisão de 23 de Outubro de 1826 sobre a carne e vinho de consumo, na freguesia de São Paio de Fão, do mesmo concelho a fim de ser aplicada o seu produto as despesas com as obras necessárias para evitar a destruição da dita freguesia e que não seja entulhada ou sumergida pelas areias que o vento arroja sobre ela; e a informação dada pelo respectivo Administrador da qual se deprende não só que as obras têm sido muito profucuaas obtendo-se delas a restauração de muitas casas que não estavam habitáveis e da igreja que se havia inutilizado, preservando perfeitamente aquele sítio de uma total destruição mas que para não ser levada a nova ruína pelo abandono das obras e mister que de continuo se cuide nelas por meio da recepção do dito imposto. Ha mesma Augusta Senhora por bem, conformando-se com o parecer do procurador Geral da Coroa mandar declarar pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, ao mencionado administrador geral para sua inteligência e o comunicar a referida Câmara que se obra para que foi concedido o citado imposto ainda não se considera acabado, e concluida a provisão que a facultou, deve continuar a ter efeito indispensável para a sua conservação ou melhoramento, sem necessidade de confirmação alguma do governo; a continuação do mesmo imposto cumpre a Câmara conjuntamente com a Junta dos Eleitos, fazer o lançamento desta imposição Municipal bem o que ela não pode continuar a subsistir na inteligência porém de que em todo o caso a Câmara deverá vistoriar as obras nas épocas que lhes parecer adequadas; e de publicar a conta da receita do imposto e da despesa com aquelas, para que os contribuintes se convenção que os renditos com que concorrem têm a sua devida aplicação sem outro desvio».

Paços das necessidades, em 17 de Março de 1838

* JOÃO DE OLIVEIRA

(Continua no próximo número)

MINI-MERCADO

FLOR DO LÍRIO

MERCEARIA - BEBIDAS
CALÇADO - LOUÇAS
ELECTRO-DOMÉSTICOS
BIBELOTS

LUGAR DOS LÍRIOS

FÃO

RESTAURANTE DO RIO

ESPECIALIDADE: **BACALHAU
À ZÉ DA PIPA
LINGUADO
À MEUNIER**

TELEF. 981651

FÃO

SALÃO VÍTOR CABELEIREIRO

TELEF. 982424
AV. S. JANUÁRIO, N.º 17

FÃO

CASA SOLINHA

PRONTO A VESTIR

LANIFÍCIOS E MIUDEZAS • GRANDE SORTIDO EM LÃS

FÃO — ESPOSENDE

LARGO DR. FONSECA LIMA, 17-18
TELEF. 961926

ESPOSENDE

PEIXARIA JOANA

MARISCO
PEIXE FRESCO
E CONGELADO

TELEF. 982634

FÃO



CAFÉ CÊPA

DE

MANUEL PEREIRA COSTA

RUA S. JOÃO DE DEUS — TELEF. 982483

FÃO

FARMÁCIA HIGIÉNICA

SECÇÃO DE: PERFUMARIA
ORTOPEDIA
BRINQUEDOS

TELEF. 981303

FÃO

CASA AURÉLIA MINI-MERCADO

- ☆ MERCEARIA
- ☆ BEBIDAS
- ☆ ROUPAS
- ☆ CALÇADO
- ☆ MIUDEZAS
- ☆ LOUÇAS
- ☆ BRINQUEDOS

HOMENAGEM AO CARTEIRO

ANTÓNIO VIANA

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Se há homenagens justas e merecidas, a que foi dedicada ao nosso «carteiro», foi uma prova de gratidão e de dever.

Ser carteiro não é fácil. É uma profissão onde o coração tem um papel muito importante, aliado ao cumprimento do dever e da honestidade.

Tudo fez parte integrante do trabalho do António Viana.

Era conhecido por todos. Para ele não havia sol ou chuva que tivessem a força necessária para o puder prender em casa.

Ele sabia que a sua passagem pelas ruas era como uma lufada de esperança, trazendo no seu saco a mensagem saudosa do Brasil, da França ou de outros lugares longínquos, onde muitos familiares queridos trabalhavam, longe desta terra tão amada.

Tinha sempre para todos um sorriso, uma palavra amiga, conquistando, sem dar por isso, a amizade do povo fangueiro.

Portanto, o jantar que lhe foi oferecido, reuniu todos os amigos e aqueles que têm por ele a maior consideração. Estes quiseram demonstrar-lhe quanto o apreciam, como profissional, como amigo e como homem.

Os fanguieiros devem orgulhar-se de terem tido um profissional desta tempera.

A reunião ficará na memória de todos aqueles que tiveram a felicidade de estar presentes.

Depois do jantar que estava bem «gostoso», seguiram-se os discursos.

Abriu o «desfile» o Dr. Armando Saraiwa. Como sempre, apesar do seu ar pacato, lá foi dizendo as suas graças com muito, muito humor!

Entre outros falou o Sr. director dos C.T.T. de Braga, Carlos Mariz que muito enalteceu o seu carácter e o zelo com que desempenhou o seu cargo, durante 34 anos.

Disse também palavras de apreço o seu antigo chefe de Fão, Artur Costa.

Muitos foram os amigos e colegas que não deixaram passar esta oportunidade, sem lhe prestarem as honras merecidas.

Não cito nomes porque poderia me esquecer de alguém e não quero causar melindres.

Depois de muitas palmas e abraços recebeu algumas lembranças.

Entre elas, um quadro com o emblema do C.F. de Fão, oferecido pelo seu Presidente.

O homenageado agradeceu a todos, comovido e feliz por ver tanta amizade.

A festa aqueceu quando o bom vinho, branco e tinto, começou a afinar as gargantas.

Como não podia deixar de ser a nossa querida Zita foi assediada para cantar um fado de Coimbra.

Fez-se o silêncio e as primeiras notas do fado «O meu menino é de ouro», saltavam da sua garganta, em sons maviosos como só ela sabe cantar. Foi um momento de emoção. As palmas foram brilhantes e calorosas.

Os guitarristas estiveram à altura da cantora e pena é que os fanguieiros não tenham garra para outras oportunidades como esta, onde a boa disposição e a fraternidade podem dar imensas horas de divertimento e de alegria.

Acabou a festa com uma desgarrada, onde o Sérgio e outro cantor, o Pereira, provaram a sua veia poética.

Houve risos e aplausos pelas letras e os ditos engraçados.

Parabéns aos poetas improvisados.

O Sérgio não nos deixou vir embora sem provarmos o seu caldo verde gostoso e bem quenteinho.

Uma palavra de parabéns aos organizadores.

A casa estava muito bem arranjada, alusiva ao acontecimento e o jantar estava delicioso. Parabéns também à cozinheira.

A festa acabou alta noite.

Esta crónica foi escrita quase em cima do « Joelho »; peço desculpa pelo facto.

Vale a intenção de assinalar um facto importante que não poderá ficar no tinteiro.

O António merecia uma narração mais importante, mas creia, meu amigo, que a minha admiração e respeito são muito superiores às minhas palavras.

NOTAS À MARGEM

— O ambiente desta vez e em comparação com a homenagem ao Xico Glória esteve muito falador o que desanimou um bocado os artistas.

— Como sempre vem acontecendo, na homenagem a António Viana compareceram os quase profissionais da animação Armando Solinho e Barbosa.

— Foi muito notada a ausência de qualquer representante da autoridade local.

— Vimos com muito agrado a presença do Sr. Arcipreste Vilar. É de facto um Homem e um Sacerdote com um H e um S grandes. Para um Pároco não pode haver partidos nem questões, nem diz-se, diz-se.

— Também notamos a presença de Artur Costa e de Carlos Mariz, antigos chefes de António. E de muitos colegas, inclusivé do Pereira de Apúlia, igualmente aposentado. O desafio que travou com o Sérgio foi um dos momentos altos da reunião. Boas vozes, repetimos, poesia com sumo e humor, deixaram embasbacados os assistentes. Espectáculo a repetir. O Fojo encheu. faltou um microfone para silenciar as palavras.

— Está na forja uma homenagem similar ao Glória e ao Zé Maia. Vamos a isso.

— O C.F. de Fão ofereceu um lindo distintivo ao António Carteiro. A Comissão uma taça.

— A Kani deu uma boa ajuda nos cantares.

LICENCIATURA

Terminou a sua licenciatura em Ciências Farmaceuticas na Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto a jovem bracarense Maria de Fátima Gomes Lima Ribeiro. A Fátima tem costela fanguieira pois é filha da nossa conterrânea Tininha Espanhola e do saudoso Lima da FNAT que durante vários anos foi visita assídua da nossa praia. Foi numa dessas férias que aconteceu ser «acaçado» por aquela que viria a ser sua esposa.

A nova doutora não perdeu tempo, pois já tem casamento aprazado com o colega José Luis Barbosa, para o dia 22 de Maio.

Aos jovens doutores apresentámos os nossos parabens e formulamos votos de felicidades tanto para a sua vida conjugal como para a vida profissional.

ROTARY CLUBE DE ESPOSENDE

No Clube Rotário de Esposende, realizaram-se nas duas últimas reuniões ao jantar, duas importantes palestras sobre temas candentes da actualidade.

A primeira proferida pelo Professor Dr. Pinto da Costa, versou o tema inseminação artificial.

O palestrante abordou os diferentes métodos, uns ou outros serão mais aconselhados.

Desenvolveu largamente as vantagens e perigos deste processo de reprodução. Por mais de uma vez, relacionou os problemas postos pelos diferentes métodos, com o pensar da Igreja Católica. Mostrou como em muitos casos a doutrina da Igreja não colide com eles. Isto mesmo ficou patente na intervenção de Monsenhor Batista de Sousa no final da palestra.

O palestrante foi ouvido com toda a atenção por todos os assistentes presentes em grande número.

★

A segunda palestra já neste mês de Abril foi proferida por um dos companheiros rotários, o tenente Coutinho de Almeida sobre a «droga» no aspecto policial.

O palestrante começou por definir o que se entende por droga e só depois disso passou a classificar as diferentes espécies de droga, dividindo-as em drogas leves e duras; lícitas e ilícitas; de pequeno e grande tráfico; naturais e nütíticas.

Segundo o tipo de droga, assim será o efeito produzido no sistema nervoso.

São depressivos a morfina e a heroína; outros são estimulantes, como a cocaína e o crack e outras ainda apenas são perturbadoras como a cânhamo e o haxixe.

Em seguida abordou os diferentes modos de consumo, os termos por que as drogas são conhecidas na «gíria».

Depois de identificar os diferentes países produtores e exportadores das diferentes drogas, versou largamente a questão, hoje tanto em voga:

Liberalização ou despenalização da droga, apontando vários argumentos pro e contra cada uma das teses.

O palestrante acompanhou todo o seu trabalho com projecções que muito ajudaram a prender a atenção de todos os presentes, em grande número, pois além dos rotários e suas esposas, estavam muitos convidados e muitos jovens estudantes.

O palestrante terminou a sua exposição com o testemunho de vários tóxico-dependentes, por eles ouvidos, sobre os efeitos da droga e aquilo a que ela pode conduzir.

Finda a palestra, o orador pôs-se à disposição dos presentes para responder às perguntas que lhe quisessem fazer. Foram vários os intervenientes, o que mostra que o tema foi de grande interesse para todos os que assistiram.

Parabéns, ao Rotary Clube e ao palestrante por mais este trabalho informativo sobre um tema de tão grande actualidade.

ACTUAÇÃO EM FRANÇA

Afim de tomar parte no espectáculo da Associação Portuguesa de Rennes, França parte para aquela terra gaulesa, no dia 24 de Abril, o conhecido cançonetista Albano Silva que se faz acompanhar da sua banda privativa.

Desejamos um êxito pleno.

PARA A HISTÓRIA DE FÃO

Por FRANKLIN NUNES

(CONCLUSÃO)

REQUES-REQUES E MATRACAS DE FÃO

(Continuado do número anterior)

No dia seguinte, Sexta-Feira Santa, também pelas nove horas da noite (em tempos, era pelas 15 horas), saíam da Misericórdia os estandartes, painéis, guião-grande e «insígnias do Calvário», sem a *matraca* ou com esta só a movimentar o arco de ferro de um dos lados. Dirigia-se o cortejo para a Matriz, detendo-se perto, enquanto na Matriz era escutado um breve Sermão do Enterro. A seguir, era organizada a Procissão do Enterro, em que ia o Senhor Morto transportado em esquife ao ombro de Sacerdotes e seguido do andor da Virgem-Mãe, lacrimosa, dolorida, impressionante.

Feito o trajecto do povoado, regressava esta Procissão à Matriz, onde o Pregador proferia o sempre formidável Sermão das Lágrimas, uma das provas-mestras, difícil e comovedora, da oratória religiosa, pela qual os crentes firmavam ansiosamente o seu juízo crítico que impunha, triunfantemente, um orador sagrado entre o caprichoso e exigente público religioso da nossa província. Sempre acompanhado de soluços reprimidos e pequenas lamentações comoventes dos fiéis que enchiam por completo a Casa-do-Senhor, terminava o sermão das Lágrimas e regressavam à Igreja da Misericórdia as Confrarias, guião-grande, painéis, estandartes, «insígnias», conduzidos pelos seus canseirosos portadores num pesado silêncio contrafeito.

Pela manhã do dia imediato, ocorria o acto glorioso da Ressurreição, com o despertar festivo da Aleluia, queda súbita de panejamentos negros, descerramento dos altares velados, missa solene e repique alegre dos sinos emudecidos.

Ao *reque-reque* já descrito com precisão no jornal atrás citado, se junta, agora, o do modelo que a gravura reproduz, composto de uma cana bem seca, em que se abrem dois cortes destinados a formar palheta vibratória.

A extremidade da cana em que foi talhada a palheta vai prender-se, perpendicularmente, com grande folga, ao eixo e aos lados de uma roda dentada de madeira, de forma a poder girar com facilidade. O eixo desta roda dentada prolonga-se por uma das suas extremidades, formando um pequeno cabo, por meio do qual a nossa mão, movimentando circularmente a cana, obriga a saltar com grande ruído a palheta nos dentes da roda.

A *matraca* em uso nas festividades da Semana Santa de Fão, organizadas tradicionalmente com afamado brilhantismo e renome justificado, era um símbolo no ritual pascoalino, que a Confraria da Misericórdia possuía e conservava em letárgico e poeirento silêncio, até novo acordar para as fúnebres celebrações do ano imediato.



Reques-reques

O modelo apresentado em gravura, sendo cópia exacta do exemplar pertencente à

Misericórdia de Fão, é, como se pode verificar, constituído por uma parte de madeira de forma ovalada, com um cabo destinado a ser movimentado, para fazer bater, com som característico e pouco vibrante, os arcos de ferro volantes que se conservam ligados por anilhas largas aos lados da parte ovalada da madeira.

★

Estes dois aparelhos de produzir barulho ruidoso eram utilizados em oportunidades distintas das cerimónias da Semana Santa, em Fão, como a referida nota muito bem acentuou, sendo ambos perturbadoramente barulhentos, o segundo muito mais económico, como convinha aos Passos da Vida do Senhor a comover e às exíguas posses do azougado rapazio, aparelhos só com muito custo mantidos em silêncio nas suas pequenas mãos buliçosas e sob a vara vigilante do Sacristão rigoroso, à espera impaciente do sinal dado no coro pelos padres, apagado o último círio dos Ofícios das Trevas.

Também me recordo desses desprendidos tempos e da colaboração irregular que sempre gostosamente dava ao tropel irrespeitoso e fugaz que, à ordem da vara do Sacristão atento, se lançava em fúria através da nave da Matriz para o adro deserto.

Estas cerimónias eram, portanto, dispendiosamente organizadas, com maior ou menor rigor litúrgico, com maior ou menor grandiosidade espectacular em que a tradição impunha sempre o uso da *matraca* como elemento imprescindível, para o que a Confraria da Misericórdia possuía, como já disse, o seu aparelho próprio, que apenas figurava nestas solenidades anuais, nem sempre efectuadas por falta da verba necessária.

★

Era assim em Fão, na nossa meninice — a minha infelizmente mais afastada, cada vez mais pesaroso por ir verificando o abandono crescente que, no rodar dos anos enfatiados, o desleixo dos homens vai mostrando pelo esplendente rigor evocativo dessas curiosas, comovedoras e simbólicas celebrações religiosas, conforto para os grandes e encantamento para os pequenos.

★

Ao terminar, quero novamente enaltecer o sugestivo artigo que me veio lembrar recuados tempos descuidados e originou este arazoado adicional à nota magnífica do jovem e já distinto publicista Sr. Flávio Gonçalves.

Serve este nosso trabalho para exaltar a dedicação que releva pelas tradições da terra de seus ascendentes e o incitar a prosseguir no seu esforço louvável no sentido de serem perpetuados tantos aspectos e costumes curiosos de Fão, que correm o risco de esquecimento e só aguardavam um tão apaixonado cronista.

Fão, Setembro de 1950.

FESTAS DO BOM JESUS DE FÃO

PROGRAMA

Sábado, 17 de Abril — 08.00 h — Entrada do Grupo de Zés Pereiras com Gigantones e Cabeçudos. 12 h — Abertura do Mosteiro do Senhor Bom Jesus, com o seu tradicional tapete de pétalas de flores da autoria dos irmãos Matias. 18 h — Abertura da Exposição de Pintura de Celestino Jerónimo. 21.30 h — Desfile e exibição de Marchas Luminosas. 24 h — Som e Fogo do Rio com Cachoeira na Ponte.

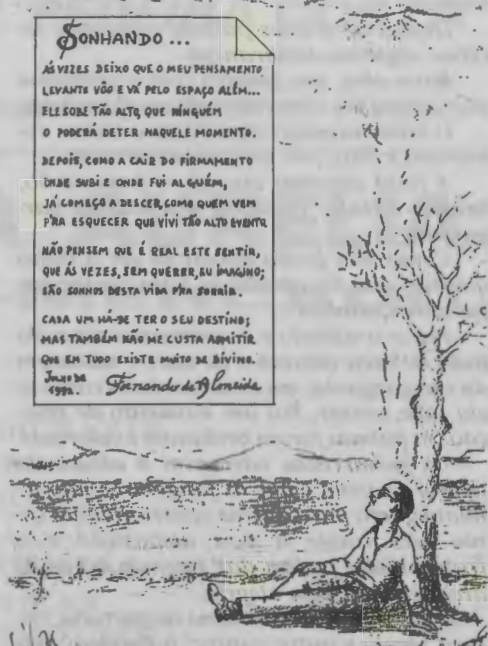
Domingo, 18 de Abril — 08 h — Actuação do Grupo de Zés Pereiras. 11 h — Missa Solene no Mosteiro do Senhor Bom Jesus. 14 h — Largada de Pombos. 14.30 h — Entrada das Bandas: Bombeiros Voluntários de Esposende (S. Paio de Antas); Banda Musical da Carregosa. 16 h — Exibição do Conjunto «Amanhecer», no Largo do Cortinhal. 21.30 h — Noite de Coimbra, no Largo da Igreja Matriz. 24 h — Sessão de Fogo Preso e do Ar.

Segunda-Feira, 19 de Abril — 09 h — Entrada da Banda dos Bombeiros Voluntários de Póvoa de Lanhoso. 09.30 h — Majestosa Procissão com visita do Santíssimo aos Entrevados acompanhada pela Banda de Música, Bombeiros e Confrarias Religiosas. 21.h — Noite Popular com «Grupo Festada Minhota». 23.30 h — Fim de Festa.

PAGARAM A ASSINATURA

1991 — Ernestino Magalhães do Vale, Fão, 750\$00; Cândido Ribeiro Gaiçém, Fão, 750\$00. 1991/1992 — Ernestino Gonçalves Didier, Porto, 1500\$00; Auly Cabeleireiros, Fão, 1500\$00. 1991/92/93 — Restaurante Rita Figueira, Fão, 3000\$00. 1992 — Dr.ª Maria Rosa Portela, Esposende, 1000\$00; António Telxeira Dias, Porto, 1000\$00; António Gomes Lopes, Fão; António Gomes de Azevedo, Brasil, 1000\$00; Manuel Rocha Ferreira, Fão; Cândido Casanova, Fão, 750\$00; Alvarino Silva Antunes, Fão, 1000\$00; Pã-Pã, Fão, 750\$00; Mentno Gustavo Vilaça Valle, Porto, 750\$00; Joaquim Brito Lacerda, V. N. Gaia, 750\$00; Dr. Francisco Brás Marques, Esposende, 1000\$00. 1992/593 — Manuel de Faria Solimbo, Braga, 2000\$00. 1993 — António da Fonte Gaiçém, Fão, 750\$00; Júlio Graça do vale, Fão, 1000\$00; D. Alice Pires do Monte, Fão; Nuno Gonçalves Neves, Braga, 1000\$00; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 1000\$00; D. Maria Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 750\$00; Manuel Armando Cardoso Figueiredo, Fão; José Fernandes Branco, Gandra, 750\$00; Raul de Campos Pimenta, Fão, 750\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 1000\$00.

SONHANDO ...
 ÀS VEZES DEIXO QUE O MEU PENSAMENTO
 LEVANTE VÔO E VÁ PELO ESPAÇO ALEM...
 ELE SOBÉ TÃO ALTO QUE NINGUÉM
 O PODERÁ DETER NAQUELE MOMENTO.
 DEPOIS, COMO A CAÍR DO FIRMAMENTO
 ONDE SUBI E ONDE FUI AL QUÉM,
 JÁ COMEÇA A DESCER, COMO QUEM VEM
 PRA ESQUECER QUE VIVI TÃO ALTO EVENTO.
 NÃO PENSEM QUE É REAL ESTE SENTIR,
 QUE ÀS VEZES, SEM QUERRER, SU IMAGIÇÃO;
 SÃO SONHOS DESTA VIDA PRA SOBRIA.
 CADA UM HÁ-SE TER O SEU DESTINO;
 MAS TAMBÉM NÃO ME CUSTA ADMITIR
 QUE EM TUDO EXISTE MUITO DE DIVINO.
 Junho de 1992. Fernando de Oliveira



COMBATENTES DA GUINÉ CONFRATERNIZAM

Foi numa sexta-feira passada, dia 26 de Março. Os ex-combatentes da Guiné reuniram-se mais uma vez no restaurante do Branquinho para conviverem e reviverem tempos idos, precisamente os tempos que juntos passaram naquela ex-província de Portugal. Podiam carrear um complexo de culpa. Sentir-se contrafeitos por terem combatido contra os naturais de uma terra que era a sua. Mas, não. Eram militares. Combataram em nome de uma pátria que se dizia uma apesar de fragmentada em vários territórios. Eles cumpriram aquilo que para eles era o seu dever. Por isso falam em «cabeça erguida», «missão cumprida», «e a pátria no coração». Não se sentem constrangidos por isso. Hoje resta-lhes uma agradável saudade desses tempos que se converteu num elo de profunda amizade. Amizade que de vez em quando se concretiza num encontro como aquele que se realizou no já citado dia 26.

De que constou esse encontro? Como sempre em casos tais trocaram-se abraços, deglutiui-se uma ementa preparada com esmero pelo Branquinho, beberam-se uns copos, *que-laro*, e cantou-se muito até às tantas. Por acaso no número dos ex-combatentes figura o Armando Solinho que por si é capaz de fazer uma festa. Não esteve só, porém, pois arastou consigo o seu parceiro da Frente da Libertação do Ramalhão, precisamente o Armando Barbosa. Ainda assim, apesar de só os dois constituírem um duo robusto, agregaram o Sérgio que além de ser ex-combatente de Timor, pelo menos esteve lá com a canhoto ao ombro), tiveram ainda o concurso de Augusto Cabral que dedilha muito bem a concertina, um ex, e mais outro ex, a quem os seus camaradas de armas chamam *carteirista* pelo simples pecado de ser fabricante de carteiras, mas que é um exímio tocador de viola. Referimo-nos a António Morais. (Esta gente para arranjar nomes é terrível). Havia, portanto, um quinteto de respeito.

Quem cantou? E cantaram o quê? É mais fácil perguntar o que é que não cantaram, pois cantou-se tudo: fados do tempo da guerra, canções de Fão, cantigas brasileiras, enfim, o que vinha à cabeça.

De vez em quando alguém botava discurso que nem sempre era religiosamente escutado. Nestas alturas há sempre umas «bocas». E há outros que prolongam as narrativas que tinham em mãos e demoram a terminar. Mas quando se faz ouvir uma voz como a do Armando Solinho a parodiar a música do Zé Via-

na com a canção do Marinheiro: «Quando eu era rapazote.../Alô! Mister/Likes Vitq.../les, les, capitone», então o silêncio é de ouro. Já a desgarrada entre o Sérgio e o Cabral, apesar de bem conseguida, não teve a emoldurá-la o silêncio que merecia.

Deitam-se culpas ao vinho, mas não é bem o caso. É que esta gente, ex-combatentes, não se vê todos os dias. alguns são de diferentes terras, e como só se vêem de ano a ano, é cá um fartote de conversa que nunca mais acaba. Daí uma certa ressonância que os mais exigentes tem dificuldade em reduzir ao decibel zero.

Eis os nomes dos heróis de outrora: Adelino Matias, Adelino Reis (Peralta), Álvaro Catarino, António Carvalho de Jesus, António Castilho, António Lopes, António Maria de Jesus, António Morais (Carteirista), António Viana, Armando Solinho, Ascânio Silva, Augusto Cabral, Cândido Barros, Daniel Ribeiro, Domingos Araújo Ferreira (Eusébio), Domingos Lima (Perelhal), Domingos Neiva (Vilachã), Domingos Simões, Francisco Solinho, Jerónimo Alves, João Casanova, João Luís Reis, João Rodrigues Costa, Joaquim Rosário, Luís Morim Pereira, Manuel Carneiro Manuel Gomes da Silva, Manuel Mota Lopes, Manuel Ribeiro, Paulo Ferreira, Raul Viana (responsável) e Serafim Lopes.



CANTINHO DO ADVOGADO

FUNDAMENTOS PARA A RESOLUÇÃO DO CONTRATO DE ARRENDAMENTO HABITACIONAL

A resolução de um contrato consiste na sua extinção, decretada pelo Tribunal, quando uma das partes não cumpre as obrigações que assumiu.

Romper a relação de arrendamento habitacional é, por isso, um direito que assiste quer ao senhorio quer ao inquilino quando um deles deixa de cumprir as suas obrigações.

Importará, pois, estar atento aos fundamentos que o senhorio pode invocar para intentar uma acção com vista à resolução do contrato de arrendamento, isto é, para obter o despejo do prédio.

Esses motivos existem quando o inquilino se coloque numa das situações seguintes:

— Não pague a renda devida, pontualmente (isto é, no primeiro dia útil de cada mês ou nos oito dias seguintes) e no lugar próprio (o seu domicílio, se outro local não for estipulado no contrato).

— Utilizar o prédio para uma finalidade que não seja a habitação.

— Usar o prédio, de forma reiterada ou habitual, para práticas ilícitas, imorais ou desonestas (por exemplo prostituição, tráfico de droga, etc.).

— Fazer obras no prédio, sem consentimento escrito do senhorio, que alterem substancialmente a sua estrutura externa ou a disposição interna das suas divisões (por exemplo deitar abaixo uma parede interior, transformando dois apartamentos num único).

— Praticar actos que causem deteriorações consideráveis no prédio, se não forem consentidos pelo senhorio, nem resultarem de uma normal utilização do imóvel.

— Dar hospedagem a mais de três pessoas (para além dos seus familiares, naturalmente).

— Subarrendar ou emprestar o prédio, ou ceder a outrém a sua posição de inquilino, sem consentimento do senhorio (ou também, no caso de o subarrendamento ser autorizado, cobrar do subarrendatário uma verba superior à permitida por lei).

Conservar o prédio encerrado por mais de um ano ou não tiver nele a sua habitação permanente (ou seja, aquela onde o inquilino tem organizada toda a sua vida familiar). Não haverá porém, fundamento para o despejo ainda que o inquilino deixe de ter no local a sua residência permanente, nas seguintes hipóteses:

a) a ausência for devida a motivo de força maior ou a doença;

b) se o arrendatário se ausentar, por tempo não superior a dois anos, para cumprimento de serviço militar, ou exercício de outras funções públicas ou privadas por conta de outrém;

c) se a ausência resultar de comissões de serviços públicas ou privadas, por tempo indeterminado;

d) se permanecerem no prédio o cônjuge ou parentes na linha recta do inquilino, ou ainda outros familiares, desde que, neste último caso, com ele vivessem há mais de um ano.

São estas, pois, as situações que, a verificarem-se, qualquer uma delas, confere ao senhorio o direito de romper a relação contratual e, em consequência, despejar o inquilino.

JORGE CAIMOTO

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777

4700 BRAGA

LOJA BOM TOM

PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

BAZAR DAS PRENDAS

SUA LOJA DE OFERTAS

DE *RAFAEL MACIEL DE OLIVEIRA*

ARTIGOS DE QUALIDADE EM:

BIJUTERIAS • PORCELANAS • CASQUINHAS • CRISTAIS • LINHOS
LENÇOS DE SEDA E OUTROS ARTIGOS DE DECORAÇÃO

RUA AZEVEDO COUTINHO, 17

4740 FÃO

CASA BOM JESUS

— De *Manuel Ferreira Curto*

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
FERRAGENS — UTILIDADES
CUTELARIAS E QUINQUILHARIAS

Agente **TINTA MARILINA**

Rua Azevedo Coutinho, 24 - C — Telef. 982568 — 4740 FÃO

FLURILAN

LINGERIE — LOUÇAS DECORATIVAS
BORDADOS — PLANTAS
FLORES NATURAIS

Rua Prior Gonçalo Viana, 9B

FÃO

PRONTO A VESTIR *GRUPO DE VESTIR OÁSIS*

DE *MARIA ANGÉLICA MIRANDA*

LARGO COMANDANTE CARLOS MARTINS

ESPOSENDE

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

CAMPEONATO DISTRITAL DA I DIVISÃO DA A.F. BRAGA

Últimos resultados: Fão, 2 - Ribeirão, 3; Fão, 0 - Aveleda, 1; Apúlia, 2 - Fão, 2; Fão, 1 - Maximense, 0; Forjães, 1 - Fão, 0; Fão, 1 - Águias da Graça, 0; Telhado, 0 - Fão, 1; Fão, 3 - Arnoso, 1.

Mediante os resultados negativos em casa e uma situação financeira não muito boa, a coisa começava a ficar feia para a rapaziada fangueira e seus esforçados dirigentes. Em vez de críticas e desconfianças deve haver compreensão e muito apoio. Nestas alturas, quem gosta realmente do futebol fangueiro, deve mostrá-lo. Dizê-lo não é preciso. Não queremos com esta observação melindrar ninguém, apenas achamos que é uma obrigação que devemos ter. Mas se economicamente a situação não mudou muito, quanto a resultados eles estão à vista, exceptuando a derrota em Forjães.

Cinco jogos com quatro vitórias e um empate perante a difícil equipa de Apúlia, que, se tivesse acontecido vitória, era bem merecida, isto reconheceram no dia do jogo os nossos vizinhos.

Também em Forjães com uma primeira parte excelente que confundiu e resignou os nossos adversários, todos esperávamos mais um resultado positivo para a equipa fangueira. Só que, aqueles 45 minutos de bom futebol os nossos avançados desperdiçaram muitas ocasiões de golo. Por causa do guarda-redes da casa algumas vezes, outras, o ferro da baliza substitui-o e numa outra, esta a mais escandalosa, o árbitro, em cima da jogada, não quis marcar grande penalidade contra os visitados e expulsar o seu guarda-redes como a lei determina.

E assim terminou aquele excelente período da partida, com o resultado em branco, muito injusto para os visitantes. Na segunda parte tudo foi diferente; os fangueiros com menos força que os seus opositores foram batidos sem apelo e nada há a opor à vitória forjanense, a não ser a colaboração do nosso guarda-redes no golo sofrido. A juntar a tudo isto, Didi, um jogador de meio campo, com uma técnica apuradíssima e que ultimamente vinha revelando uma resistência física de espantar, saiu gravemente lesionado, indo juntar-se aos já inactivos, também por lesões: Paulo, Eiras, Valdemar e Pedras, três defesas que muita falta fazem à equipa. Apesar destes contratemplos, os jogadores de Fão mostraram toda a sua raça na jornada em que receberam o 1.º classificado, o Águias da Graça. Um grande jogo e uma bela exibição e consequente vitória por um golo marcado por Zezinho, um veterano que bem merece estas compensações. Para enaltecer ainda mais estes briosos rapazes não podemos esquecer que o começo desta partida lhes foi muito adversa, pois ficaram reduzidos a dez elementos, por expulsão do seu guarda-redes quando saiu da sua área para impedir o avanço já bastante perigoso para a sua baliza do jogador contrário que lhe chutou a bola contra o corpo, mas como lhe tocou nas mãos o árbitro achou que foi falta voluntária e, por tal, mostrou-lhe o cartão vermelho. Isto aconteceu a quinze minutos da primeira parte, período em que os visitantes mais dores de cabeça causaram aos da casa e durante o qual o elemento expulso mais se vinha destacando.

Os resultados decorreram mais ou menos dentro da lógica, mais positivos que negativos, exceptuando as duas derrotas em casa como referimos no início. Mas devemos lembrar que a primeira foi com o 2.º classifica-

cado, o Ribeirão, equipa muito forte, com jogadores muito traquejados e com aspirações sempre à subida de divisão. Mesmo assim, tiveram que beneficiar de erros clamorosos da nossa defesa que, em apenas dez minutos, deu a oportunidade aos seus adversários de marcarem três golos, o segundo de grande penalidade, e que originou a expulsão do defesa fangueiro que cometeu a falta.

Jogando quase toda a segunda parte com dez elementos, a equipa da casa arranjou força e coragem para amedrontar o adversário, dando a esperança aos adeptos fangueiros que algo podia ainda mudar, obrigando assim o Ribeirão a remeter-se a uma defesa cerrada quando com apenas um golo de vantagem viam perigar a sua situação de vencedores.

Na deslocação a Telhado, a vitória sorriu-nos, a dois minutos do fim, com um golo de Sousa, quase sempre o salvador da pátria. O jogo em si não foi grande coisa e o empate até achamos que seria o resultado mais certo.

CANOAGEM

Estágios das selecções portuguesas de Canoagem

Em Melres (Gondomar) encontra-se em período de estágio o atleta sénior do Náutico de Fão, Belmiro Penetra.

Para Vila Nova de Mil Fontes (Alentejo), foram também para um período de estágio os canoístas do Náutico de Fão, Miguel Pedras (júnior) e Pedro Silva (cadete).

Treinador Checo em Fão

Durante 2 semanas, esteve na nossa terra, treinando os canoístas do Náutico de Fão, um técnico desta modalidade vindo da Checoslováquia que se encontra no nosso país ao serviço da Associação de Canoagem de Braga. São várias as Associações que têm ao seu serviço treinadores vindos dos países de Leste.

A esta colecção «Dicionários Editores» acaba de ser acrescentada com a publicação da 8.ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geral, como de especialidade. Enriquelido não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentam esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA



O *Dicionário da Língua Portuguesa* 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua de Remédios, 366/4099 PORTO CODEX
 LIVRARIA ARNADO LDA. Rua de João Machado, 9-11 (Apart. 379) 3007 COIMBRA CODEX
 EMP. L. RUMINENSE LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

FÃO DE ANTIGAMENTE

Aqui temos uma fotografia de 1960. Já lá vão 33 anos. Intérpretes conhecidos: Miro Careta (o primeiro não sabemos quem é), arq. Rui Moura Leal, um jovem de Braga (Casa Conchinha) e o Dr. Zé Emílio. Ai há quanto tempo... Ai! Ai!





GARAGEM DE FÃO

- SERVIÇO DE CHAPEIRO, PINTURA E MECÂNICA
- PRONTO-SOCORRO PERMANENTE
- AUTOMÓVEIS DE ALUGUER COM E SEM CONDUTOR
- DEPARTAMENTO DE TURISMO

AV. S. JANUÁRIO 10 - 12
 TELEF. 981753 - 982413 — FAX 982418

FÃO

TALHO NOGUEIRA

DE

ÁLVARO VASCONCELOS VALENTIM

*CARNES DE BOI
 VITELA
 PORCO
 E CABRITO*

FÃO — 4740 ESPOSENDE — TELEF. 961411

VENDE-SE EM FÃO

APARTAMENTO TO

RUA DOS AÇORES, N.º 3 R/C

TELEF. 981475 OU (02) 6004690

DE APÚLIA

FALECIMENTOS — No lugar da Areia, faleceu em 15 de Março último, o senhor ILÍDIO FÁRIA DOS SANTOS, nascido em 3 de Dezembro de 1921, na freguesia da Estela, Póvoa de Varzim. O extinto, filho de Manuel Moreira dos Santos e de Alice Joaquina de Faria, foi vítima de doença incurável, depois de prolongada e dolorosa enfermidade.

Era avô paterno do conhecido e promissor atleta do Esposende, Pinho.

— Em 20 do mesmo mês faleceu a Senhora ELISA DIAS, viúva de Isolino Gonçalves do Paço, natural e residente no já referido lugar da Areia. Era filha de João Martins Mano e de Carolina Dias, e nasceu em 1 de Março de 1911.

— No Hospital de S. João, do Porto, faleceu o conhecido comerciante de hotelaria da Praia de «Cedovem», ANTÓNIO RIBEIRO GOMES, surdo-mudo, casado com LAURA COSTA DE SÁ, também ela a sofrer das mesmas limitações físicas. O extinto, que toda a gente conhecia e tratava por mudo, nasceu em 5 de Julho de 1944, na freguesia de Miragaia, da cidade do Porto, era filho de Deolinda Ribeiro Gomes, e faleceu no dia 21 do mesmo mês de Março.

— No Hospital de Barcelos, faleceu no dia 1 de Abril, corrente, o nosso conterrâneo, JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS, natural da freguesia de Gueral, concelho de Barcelos, onde nasceu em 2 de Fevereiro de 1924, filho de José Fernandes dos Santos e de Angelina Ferreira Martins. O «Joaquim da Fábrica», conhecido e probo industrial de moagem, era viúvo de Guilhermina Costa e Silva.

A todos os familiares destes nossos conterrâneos, apresentámos os nossos sentidos pêsames.

FUTEBOL EM APÚLIA — Continua de boa saúde e a primar pela regularidade o futebol em Apúlia. A equipa de seniores, que é aquela que acompanhamos mais de perto, continua posicionada no 5.º lugar, com 29 pontos, no campeonato regional da 1.ª Divisão da Associação de Futebol de Braga.

Também na prova «Taça Câmara Municipal de Esposende», feliz iniciativa daquela Autarquia, aberta apenas aos clubes filiados do Concelho de Esposende, o nosso representante eliminou o vizinho Fão, empatando por 1-1 em Fão e vencido em Apúlia por 3-1, e classificou-se para a eliminatória seguinte, que vai disputar com o Vila Chã, igualmente em duas mãos, jogo lá e jogo cá, nas próximas quartas-feiras.

Entretanto para o Campeonato, prova que aclma fizemos referência, no último jogo disputado em casa, o Apúlia venceu o Viatodos, por 2-1 e neste último domingo foi vencer a Sampaio de Antas por 3-0.

COM VISTA À E.D.P. — No último número deste jornal procuramos chamar a atenção desta Entidade responsável pela manutenção e conservação do circuito de corrente eléctrica, para dois postes que se encontram no meio da via pública, na Rua da Igreja e na Estrada de «Cedovem».

Alertaram-nos agora que há um terceiro, na travessa de S. Miguel, também no meio da via pública.

São já três casos, aberrantes, numa terra que já tem o estatuto de Vila, e que os responsáveis da EDP conhecem, pois para esse facto já foi chamada a sua atenção, pela Junta de Freguesia, e supomos que por mais do que uma vez.

Também daqui se faz uma outra chamada de atenção à E.D.P. para a luz pública de algumas ruas, a precisarem de novas lâmpadas, como é o caso da Rua do Cruzeiro, onde, numa extensão de 300 metros, todas as lâmpadas estão avariadas.

Se o fornecimento de energia eléctrica fosse da responsabilidade da Câmara Municipal,

há quanto tempo tudo isto não estaria remediado!...

Atrás de mim...

LARGO DA SENHORA DA GUIA — O Largo merecia aquilo. Novo visual, mais espaços verdes, bancos de granito, grades de defesa junto às bermas das ruas, passeios demarcados, e espaço aumentado dos dois lados da Avenida da Praia. Por ali, onde tanto pode começar como acabar a Vila, Apúlia vai mostrar finalmente, um outro estádio de desenvolvimento, vai fazer jus ao estatuto de Vila, afinal, por aquilo que se vê e ouve, justíssimo e... dentro de «todos os conformes»... o Largo da Senhora da Guia fica assim bem mais bonito, mais agradável e muito mais seguro e acolhedor. Só que com o benefício do Largo e também da Rua fronteira à parte lateral Norte da Capela, «roubada» ao trânsito viário e recuperada para passeio e espaço de lazer dos peões, teoricamente o trânsito, parece-nos, vai ser mais difícil e lento, que a falta de espaços para estacionamento, pode agravar.

Certo, certo, é que o Largo da Nossa Senhora da Guia, no seu conjunto, foi muitíssimo melhorado e embelezado. E que Apúlia, com mais este melhoramento, com a Avenida da Praia beneficiada no seu piso e com passeios para peões dos dois lados, com a rede de saneamento e estação de tratamento em fase de conclusão, com a Escola C+S em pleno funcionamento, com o bairro social prestes a arrancar, com a demolição das barracas das praias de «Cedovem» e de «Couve» previstas para breve, e a consequente recuperação e urbanização desses terrenos, Apúlia já pode pedir meças a qualquer outra vila do concelho, ou fora dele..

DO CANADÁ

Depois de uma estada de um mês em casa de um seu familiar, no Canadá, já se encontra em Fão o nosso amigo e grande crítico do nosso jornal José Sá Pereira que se fez acompanhar de sua esposa e de um filho.

A viagem correu bem, o Zé conviveu com familiares e amigos e já pensa numa nova visita.

9.ª MEIA MARATONA INTERNACIONAL DO CÁVADO

No próximo dia 18 deste mês vai, pelas 10 horas, realizar-se a 9.ª Meia Maratona Internacional do Cávado. É uma prova já bastante conhecida que costuma atrair bastantes atletas.

DOENTES

— Tem passado bastante mimodado o nosso prezado assinante Adelino Campos Monteiro que por isso continua internado no Hospital de Fão.

Ultimamente tem acusado melhoras com o que deveras folgamos.

Enfim, quando os sessenta batem à porta é o diabo.

Desejámos ao amigo Adelino rápidas melhoras.

— No hospital de S. João foi submetido a uma melindrosa intervenção cirúrgica o nosso conterrâneo Emílio Pedras, funcionário do Hospital S. João de Deus.

Foi uma operação muito melindrosa que decorreu com total êxito. O «major» já se encontra em convalescença na sua casa, com que muito folgamos. Boa recuperação são nossos votos.

— Na última semana foi internado no Hospital de Famalicão o colaborador deste jornal António Agonia Pereira.

Felizmente que a doença (do foro respiratório) ten regredido. Ainda bem, para descanso dos seus familiares e amigos.

LEMBRADO O P.e BORDA

Foi já há um ano que morreu o P.e Borda, mais precisamente no dia 6 de Abril. Para comemorar o evento, o Grupo Coral da Matriz prestou-lhe uma singela homenagem. Houve romagem ao cemitério onde o actual regente, o sr. Moreda de Apúlia, seu antigo aluno, lhe dedicou algumas palavras de saudade.

No final bouve missa por sua intenção na Igreja Matriz, tendo usado da palavra o sr. arcebispo Vilar e o P.e Manuel Coutinho que passou a substituí-lo na missa do meio dia na Misericórdia.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597208

ANÍBAL CABELEIREIROS

HAIRDRESSER • COIFFEUR

- *Manicure*
- *Pedicure*
- *Tratamento Capilar*
- *Depilação*
- *Maquilhagem*

TELEF. 962419

LARGO CONDE DE AGROLONGO

FÃO



UM DIA...
P'RA SEMPRE.

OURIVESARIA DORAL

AV. DR. MANUEL PAIS — TEL. 961341 - 981211 4740 FÃO



MARINHO MATOS DO VALE
PASSAMANARIAS E BORDADOS, LDA.

RUA PRIOR ANTÓNIO NOGUEIRA, 7
TELEF. 981970 — APARTADO 7

4740 FÃO

CASA PENETRA

- ☆ FERRAGENS
- ☆ TINTAS
- ☆ LOUÇAS
- ☆ VIDROS

TELEF. 981301

R. PROF. PIO RODRIGUES

FÃO

ANTÓNIO MORAIS GOMES

FABRICANTE DE CARTEIRAS
PORTA MOEDAS

TELEF. 981350

LARGO MANUEL MAGALHÃES
4740 FÃO

COZINHA TÍPICA E CASEIRA
DOCE REGIONAL
MARISCOS
SERVIÇO À LISTA

RITA FANGUEIRA

DE J. LIMA & C.^a, LDA.

RESTAURANTE — SNACK-BAR — MINI-MERCADO

TELEF. 981442

R. AZEVEDO COUTINHO, 23

FÃO

CARDOSOS HOTELARIA & TURISMO, LDA.

RESTAURANTE CONCHINHA
MARISCOS — SNACK — CAFETARIA

PUB ZUL
PIZZAS — HAMBURGER'S
CROISSANTS — CREHES — SNACK

BAR DE FÃO
RESTAURANTE — CHURRASCARIA

ESPLANADA
(Totalmente remodelado — entra em funcionamento a partir de Junho)

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO ESPARGO

(Continuado do número anterior).

Também antes da plantação é conveniente submetê-las a um banho de desinfecção, para o que se mergulham durante algum tempo numa solução de formol a 0,5 por mil (1 dl por cada 20 litros de água).

Recomenda-se, portanto, que as garras sejam escolhidas e desinfectadas antes da plantação. Na selecção devem desprezar-se as que tenham peso inferior a 25/30g. Em Espanha, para se assegurar a desinfecção conveniente desses órgãos de propagação assexuada, sobretudo contra a fusariose e o «mal vínico», preconiza-se a *imersão durante dez minutos numa solução contendo um litro de lixívia comercial a 40.º, por cada 3 litros de água. Em seguida, as garras são deixadas a secar e, depois, mergulham-se durante cinco a dez minutos numa solução 250g de Tiram, a 80 por cento, Carbendazina ou Benomilo, em 10 litros de água. O primeiro banho é contra o «mal vínico» e, o de Tiram, contra a fusariose.*

Após o estrume e os adubos incorporados no fundo da vala terem sido cobertos com terra bem esmiuçada de modo a formar uma camada com 4/6 cm de espessura, Lamich aconselha a disposição das garras directamente sobre essa camada, em linhas separadas de 30/40 cm e cobertas com cerca de 10 cm de terra, que se áconchega um pouco ao material de propagação.

No entanto, o procedimento mais ge-

neralizado implica a preparação de montículos com a altura de 10/12 cm e distanciados uns dos outros 40/50cm, na mesma linha. Sobre cada um desses montículos dispõe-se uma garra de maneira que as raízes, que não devem evidenciar demasiada secura, fiquem bem distribuídas e assentes sobre o material terroso em lugar de dirigidas para cima. O gomo (gema) central da coroa deve ficar localizado a 10/15cm de profundidade. Todavia, a profundidade da plantação é variável com diversos factores, sendo a textura do solo um dos mais relevantes. Regra geral, é nos solos arenosos que a plantação tem lugar mais fundo, sem que não deixe de haver o cuidado de em caso algum depositar as raízes no subsolo. A profundidade normalmente utilizada é de 15 cm, nos solos arenosos, e de 20 cm, nos mais pesados. Convém que a operação mencionada tenha lugar com tempo seco e solo enxuto.

Em seguida, termina-se o enchimento da vala com terra fina e algum estrume, mistura que se comprime ligeiramente de modo a aconchegá-la bem às garras. O local de plantação de cada uma deve ficar assinalado com uma pequena estaca.

Uma vala pode ser usada para a plantação em duas linhas, desde que convenientemente separadas.

Terminada a plantação e o correspondente enchimento da vala, aplica-se uma rega um tanto copiosa, que poderá ser repetida caso o tempo se mantenha muito seco.

Nesta fase, pode proceder-se à incorporação no solo de um herbicida que trave o desenvolvimento das plantas daninhas. Para o efeito, pode recorrer-se ao Diurão 80, Linurão a 50 por cento

ou à Metribucina, distribuídos numa faixa sobre as linhas de plantação.

3. CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO GERAL

3.1. Classificação

Pertence à grande família das *Leguminosas*, que também engloba outras hortícolas, como a «*Vigna sinensis*» (feijão frade), «*Dolichos lablab*» var. *vulgaris*» (feijão cutelinho), «*Vicia faba*» (fava) e «*Pisum sativum*» (ervilha). As plantas desta família têm a faculdade de poderem captar o azoto atmosférico por meio de certas bactérias que vivem em simbiose nas suas raízes.

Foi incluído no género «*Phaseolus*» e forma a espécie «*P. vulgaris* L.». Ao mesmo género pertencem as espécies «*P. lunatus*» (feijoa ou feijão Carolina Lima) e «*P. multiflorus*» (feijão escarlate ou feijão-de-Espanha).

3.2 Descrição

O feijoeiro é uma planta herbácea e anual. Pode ter porte anão ou desenvolver talo fino e volúvel. Nas variedades anãs, a altura das plantas depende das variedades, sendo de 0,45 m em média.

Resumidamente a planta possui as características seguintes:

Raiz — Aprumada, com numerosas raízes secundárias bastante ramificadas.

Caule — Pode ser erecto e ter dimensões reduzidas (feijoeiros anões) ou volúvel, trepador, caso em que chega a atingir 2,50 e mesmo 3 metros de comprimento, apresentando a característica de se enrolar aos suportes ou tutores, sempre em sentido contrário ao dos ponteiros de um relógio.

(Continua no próximo número)



Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	18 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst 

Cap. Soc. 5 000 000 000\$000000 Reg. Com. Sítio n.º 1438

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

SONDECA

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

CAPELÃES DO TEMPLO DO SENHOR BOM JESUS

No passado existiam em Fão vários padres, que celebravam missa na Igreja do Bom Jesus, em cumprimento dos legados.

O primeiro com nomeação para dizer missa às sextas-feiras de manhã foi o Padre Manuel Afonso Miranda, nomeado a 20 de Fevereiro de 1723.

Outros sacerdotes foram posteriormente nomeados para dizerem capelas de missas — uma missa semanal em dia certo, durante um ano.

O primeiro capelão do Bom Jesus, foi nomeado em 2-8-1734. Era o Reverendo Jacinto Leite. Tinha o vencimento de 10.000 réis ano.

Seguiu-se-lhe, em 4-1-1802 o Reverendo Miguel António Hipólito, com o ordenado anual de 25.000 réis.

Foi substituído em 7-7-1823 pelo Reverendo José F. Ferreira, que passou a ganhar 16.000 réis por ano, com obrigação de celebrar a missa dominical às 11 horas.

Em 1877 foi nomeado novo capelão o Padre Manuel Vila Chã Pinheiro, com o ordenado anual de 80.000 réis. Pediu a demissão em 8 de Julho de 1911, por doença, vindo a falecer em 1919.

Pelos seus familiares foram entregues ao Senhor Bom Jesus, (certamente legado seu), em 20-06-1919: 2 serpentinas em prata, 7 sanefas, 2 pernadas grandes, 1 arco e 14 cortinas brancas.

Seguiu-se, por nomeação de 8-7-1911, o Padre José Martins Branco, de Fonte-boia, que, por doença, se demitiu em 22-12-1915.

Substituí-o o Padre Manuel Martins de Sá Pereira, com o ordenado anual de 100.000 réis. Pediu a demissão em Outubro de 1919, em solidariedade com a mesa, demitida pelas autoridades, como desafecta ao regime. Mais tarde veio a ser Presidente da Câmara Municipal de Esposende, sendo um dos impulsionadores da Zona de Ofir, em apoio do Engenheiro Sousa Martins.

Em 19-10-1919 a Comissão Administrativa nomeou capelão o Padre Francisco Martins Giesteira, que não tinha licença para exercer as suas ordens no concelho de Esposende, pelo que o Prelado aconselhou-o a não continuar a dizer a missa no Bom Jesus.

Como desobedecesse o Senhor Arcebispo interdito o Templo do Bom Jesus até que o Padre Giesteira deixasse de dizer a missa no templo.

A Comissão Administrativa demitiu-o, de imediato e pôs o lugar a concurso a 25-4-1920 mas só a 6-2-1927 veio a ser nomeado novo capelão — o Padre Carlos Lima, com o ordenado anual de 350.000 réis. Em 1929 já ganhava 900.000 réis por ano. Deixou a capelaria em 1930 (ou 1931). Foi muitos anos Pároco de Vila Chã, Esposende, onde faleceu há poucos anos.

A Missa Dominical já foi restabelecida após vários esforços realizados pela Mesa, que teve como Juiz Amândio de Oliveira Teixeira, secretário Carlos Barra Campos Reis e tesoureiro Félix Fernandes Gaifeln. Tiveram a colaboração dos Párcos, o saudoso Padre António Alves Nogueira e do Senhor Arcipreste de Esposende.

Foi nomeado para o efeito o Padre Zacarias Rodrigues Mano, de Apúlia, que passou a celebrar às 10,00 horas, a partir de 27 de Janeiro de 1946, recebendo 30\$00 por cada missa.

Voltou a ter movimento a Igreja, restaurando-se o culto do Bom Jesus, que estava muito apagado.

Por impossibilidade deste sacerdote, por doença e velhice, passou a celebrar a missa no Bom Jesus, aos domingos, desde 1-1-1957 o Padre António Alves Nogueira.

Quando se ausentou de Fão, por doença, passou a ser celebrante o novo Pároco, Padre Manuel Gonçalves, que mais tarde se ausentou de Fão, sendo substituído pelo actual Pároco, que celebra a missa aos domingos, às 11 horas.

CARLOS MARIZ

EXPOSIÇÃO

No dia 3 de Abril a Cooperativa Cultural de Fão inaugurou no Centro Cultural uma exposição de Pintura e de Cerâmica da consagrada artista Júlia. Esperamos que outras iniciativas idênticas sejam tomadas por este órgão de cultura.

PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 16)

Com este legado o culto na Capela atingiu grande esplendor.

No entanto, em 1769, S.S. Piovil, emitiu uma nota reduzindo todo o conjunto de legados pios a: 730 missas rezadas anuais, 1 missa cantada, 1 repouso e 1 ofício de 10 padres, com obrigação de uma missa cada um.

Estes legados e os que lhe seguiram foram cumpridos todos até 1909, embora já não fossem celebradas as missas em Fão, mas em Braga — a Irmandade pagava ao Hospital de S. Marcos 81.280 réis por missa, em vez de 80 réis, tendo sido pagos 195.072 réis.

A Assembleia Geral dos Irmãos, reunida em 15-10-1922, reduziu as missas às que se pudessem celebrar até 150\$00 (escudos), celebrando ainda 5 missas pelos irmãos falecidos durante o ano e ofício anual de 5 padres, com confissões, para os irmãos lucrarem o Jubileu estabelecido por Sua Santidade Pio VII.

Mais legados foram sendo recebidos ao longo dos anos.

Em 22-07-1923, D. Manuel, Arcebispo de Braga reduziu as 1104 missas anuais dos diversos legados, uma das quais cantada e 52 missas em dia e hora certa, a 75 missas anuais resadas, da esmola de 2\$00 escudos cada uma, com as intenções conglobadas, a celebrar em qualquer templo, compreendendo na redução os encargos de 1921 e 1922. Sendo aumentada a esmola das missas, estas reduzir-se-ão às que se puderem celebrar com a verba de 150\$00 escudos.

VENDE-SE EM FÃO

Casa pequena (de andar), esquina.
2 frentes. Telef. (02) 487343

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE

TEL. 053 - 98 14 73/4

TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

O PERFIL DE HOJE

Por **ARMANDO SARAIVA**

PEDRO DOMINGOS DA CRUZ — O MAIOR BENEMÉRITO (SÉCULO XVIII)

Em 1707 o Senhor Arcebispo de Braga mandou em visita à Capela do Bom Jesus os Ministros da sua corte, Drs. Manuel Pinheiro Ramos e António da Costa, que constataram que a Ermida do Bom Jesus estava indecentíssima e em mau estado, ameaçando ruínas.

Os Párocos de Fão eram os administradores, pois não havia confraria e, apesar de acorerem a Fão quase diariamente «clamores», em visita à sagrada Imagem, dando avultadas esmolas, as mesmas eram arrecadadas pelos Párocos que não gastavam nem um real no ornamento dos altares e conservação da Capela. Segundo os visitantes, os Párocos «eram mais espoliadores do que administradores» da Capela. (O dinheiro devia ser concentrado na Matriz e aí gasto em obras e no culto).

Determinaram os visitantes que, de futuro, só os oficiais do Bom Jesus poderiam arrecadar e administrar as esmolas.

Houve alegria entre o povo com tal decisão e logo se pensou em erguer um novo e magnífico templo.

O eco dessas notícias chegou ao Brasil onde então vivia Pedro Domingues da Cruz, que se apressou, em 1709, a mandar entregar ao cirurgião de Fão 200.000 réis para o início das obras.

O atraso na concretização da obra levou o doador a retirar a oferta.

Em 1710, sendo Juíz o Abade de Fonteboa, Reverendo Afonso de Meira Carrilho, deu-se início à construção da nova Igreja, com a construção da capela-mór, para o que o Juíz ofereceu 200.000 réis.

Então Pedro Domingues da Cruz, que residia na Baía, Brasil, mandou 44.000 réis e mais 25.000 réis de madeira para as grades (estacaria sobre a qual foram colocados os alicerces das paredes).

Em 1724 mandou mais 200.000 réis para dourar a Tribuna e o Altar-mór, quantia que foi emprestada pelo Juíz, seu depositário, Reverendo Dr. Don Pascoal Monteiro, para a construção do telhado, por ser obra mais urgente e a quantia não chegar para o douramento. Só foi dourado em 1728/31, custando 425.220 réis (não é o actual altar, pois o primitivo teve que ser substituído, por apodrecimento da madeira).

Pelo testamento deste bemfeitor, sabemos que era natural de Fão e em 25 de Fevereiro de 1715 morava em Monte Gordo — filho legítimo de Manuel Gomes e Maria Domingues, que foram moradores em Fão.

Era solteiro e não tinha herdeiros forçados.

Deve ter nascido na segunda metade do século XVII e morrido antes de 1730.

Emigrara para o Brasil e estabelecera sociedade com Manuel Mendes Gaya, na Ilha de Itaparica, num engenho de fazer açúcar, do qual tinha metade, bem como metade de uma terra, que ambos compraram para madeiras e lenhas destinadas ao engenho.

Fez fortuna que incluía 200.000 réis a render para sustento da sobrinha Isabel de Santa Cruz, religiosa no Convento de Santa Clara de Caminha; 400.000 mil réis que emprestara a seu irmão Bonifácio, para seus negócios; vários bens que constavam de um caderno, no qual declarava as dívidas que lhe deviam, um prazo livre de nomeação na freguesia de Santães?, termo da Vila de Esposende (deixou à sobrinha Maria, filha do irmão Simão),

200.000 réis que emprestara ao pai e a legítima da casa de seus pais (também deixados à sobrinha); três mulatinhos, Manuel, Anastácio e Severina (que deixou ao irmão Manuel Gomes). Entre os bens havia duas casas, sitas na Rua do Fogo, da cidade da Baía, três escravos (os mulatinhos?) e alguns papeis de crédito.

Com excepção dos bens que referimos e que ficaram para a sobrinha e irmão, tudo foi deixado ao Bom Jesus de Fão, devendo os bens render na Baía durante 16 anos, após a sua morte, sendo então vendidos e remetidos para Fão, ficando à guarda dos irmãos da Confraria, para garantir os diversos legados pios.

O testamentário, Bonifácio Gomes da Cruz mandou na frota de 1730 — 871.992 réis; 1732 — 841.104 réis; 1732 — 539.430 réis. Faleceu após esta remessa, deixando o encargo de satisfação da herança ao Capitão António Vaz Pacheco, da cidade da Baía, que mandou na frota de 1741 — 263.300 réis e na de 1743 — 486.680 réis.

Consta que este depois fugiu da Baía com uma mulher casada, levando alguns bens e escravos, pertencentes a esta herança, nunca mais se sabendo do seu paradeiro (notícias vindas na frota de 1746).

O Juíz de Defuntos e Ausentes da cidade da Baía tomou conta do remanescente, que não restituiu ao Bom Jesus.

Vieram, portanto, 3.002.506 réis, que, com os juros até 1742 perfizeram 3.557.397 réis.

Estes fundos foram entregues à administração de Manuel Gomes, por ser muito avultada a importância e ser a sua administração demasiada para o tesoureiro. Durante muitos anos teve o legado este administrador especialmente nomeado para esse fim (o primeiro exerceu as funções até 10-12-1766, data em que fez 100 anos).

Os encargos pios desta herança obrigavam ao seguinte:

— Se falecesse o doador em Fão, pretendia ser sepultado na Igreja do Bom Jesus, amortilhado no hábito de S. Francisco; se falecesse em Monte Gordo, onde então morava, seria sepultado na Capela de S. Bento;

— Deviam ser ditas 100 missas por sua alma, de corpo presente, no dia do seu falecimento ou nos primeiros seguintes, conforme os sacerdotes que houvessem;

Duas missas diárias enquanto o mundo durar, na Capela do Bom Jesus, por sua alma e familiares;

— Um ofício de 9 sacerdotes no oitavário de defuntos, na mesma Capela, por sua alma e familiares;

Casar-se-á uma órfã, havendo de sua geração e não de seus familiares, será filha de Fão, à qual se lhe dará um dote de 100.000 réis devendo o casamento celebrar-se no dia da Festa do Bom Jesus.

O remanescente dos juros gastar-se-á em

obras da Capela ou como os irmãos da Irmandade decidirem.

Do testamento constava que nunca poderia ser o Pároco a administrar o legado e se sucedesse que já não houvesse Irmandade do Bom Jesus de Fão, para administração do legado, se deveria erigir de novo a Irmandade!

Para se ter uma ideia do valor deste legado anote-se que, nessa data, pagava a Irmandade a um padre, para celebrar uma missa, 70 réis e, por especial deferência, 100 réis (1 tosto!), se fosse o Pároco.

O Caranguejo «Cazotinhas»

O «Cazotinhas» era um caranguejo-ermiteira, que tinha uns olhos muito bonitos, de um azul muito vivo e que morava dentro da concha vazia de um grande búzio. Vivia no fundo do mar, perto da costa e junto a um ramo de corais.

O «Cazotinhas» tinha um amigo; era o Sr. Robalo, um peixe grande e velhote, a quem o caranguejo já salvara a vida. Quando o Sr. Robalo era mais novo e estouvado, mordeu um dia a isca de um anzol dum pescador. Quando começou a ser puxado para cima, ficou muito aflito e berrou: — Oh «Cazotinhas»!... Salva-me, que eu vou morrer!... — E o «Cazotinhas» salvou o robalo imprudente, cortando a linha do pescador com as suas pinças, que eram mais afiadas do que uma tesoura.

O «Cazotinhas» e o Sr. Robalo eram muito amigos e estavam sempre perto um do outro. Certo dia, porém, o caranguejo «Cazotinhas» afastou-se um pouco mais do sítio onde vivia, buscando comida e aproximou-se muito dos rochedos da costa. Entretanto o mar mudou, ficou muito bravo e o fundo de areia ficou tão agitado pelas ondas, que o pobre do caranguejo principiou a rebolar. A força das águas era muita e o «Cazotinhas», embora muito escondido no búzio que lhe servia de abrigo, viu que ia ser atirado, pelas vagas, contra os penedos da costa e morrer esmigalhado. Lembrou-se então do Sr. Robalo e começou a gritar, desesperado: — Sr. Robalo!... Sr. Robalo!... Salve-me por favor!...

Por acaso, o seu amigo estava perto, nadava bem e era veloz. Mesmo no momento em que o pobre do «Cazotinhas» se ia espatifar nos penedos, o Sr. Robalo apanhou e abocanhou delicadamente a ponta do búzio da rebentação, fugindo da costa e colocando-o num sítio fundo, de águas calmas, cheio de algas protegido por umas pedras muito grandes. O «Cazotinhas» apanhara um susto tão grande, que mal podia falar... Quando ficou mais sereno, agradeceu muito ao seu amigo Robalo. E o Sr. Robalo, que era velho e sabido, disse-lhe: — Amor com amor se paga!... e recorda-te que também tu, quando eu era mais novo, já me salvaste a vida!

O «Cazotinhas» e o Sr. Robalo, se eram amigos, ainda mais amigos ficaram e viveram muitos anos, juntos e felizes, entre as algas e os corais do fundo daquela enseada.

ALTAMIRO ALMEIDA MARQUES

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO